

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

**DA SALA DE AULA AO MAR, CAMINHOS PARA INSERÇÃO DO
SURFE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

ANNE LARISSE PESSOA PARENTE

SÃO LUÍS-MA
2026

ANNE LARISSE PESSOA PARENTE

**DA SALA DE AULA AO MAR, CAMINHOS PARA INSERÇÃO DO SURF NAS
AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

Trabalho de Conclusão de Curso
(Monografia) a ser apresentado ao Curso
de Licenciatura em Educação Física da
Universidade Federal do Maranhão para
obtenção do grau de Licenciatura em
Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Alex Fabiano Santos
Bezerra

SÃO LUÍS-MA

2026

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Pessoa Parente, Anne Larisse.

Da sala de aula ao mar, caminhos para inserção do surfe nas aulas de educação física escolar / Anne Larisse Pessoa Parente. - 2026.

51 p.

Orientador(a): Prof. Dr. Alex Fabiano Santos Bezerra.

Monografia (Graduação) - Curso de Educação Física - Licenciatura, Universidade Federal do Maranhão, São Luís-
ma, 2026.

1. Surf. 2. Educação Física Escolar. 3. Práticas Corporais. 4. Esportes de Aventura. 5. Educação. I. Santos Bezerra, Prof. Dr. Alex Fabiano. II. Título.

**DA SALA DE AULA AO MAR, CAMINHOS PARA
INSERÇÃO DO SURFE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA
ESCOLAR**

**Trabalho de Conclusão de Curso
(Monografia) a ser apresentado ao
Curso de Licenciatura em Educação
Física da Universidade Federal do
Maranhão para obtenção do grau de
Licenciada em Educação Física.**

**A Banca Examinadora da Defesa de trabalho de conclusão de curso,
apresentada em sessão pública, considerou o candidato aprovado em:**

14/_07_/_26_.

**Prof. Dr. Alex Fabiano Santos Bezerra (Orientador)
Universidade Federal do Maranhão**

**Prof. Pablo Linhares Teixeira (1º Examinador)
Universidade Federal do Maranhão**

**Prof. Me. Gabriel Moreira Pereira (2º Examinador)
Universidade Federal do Maranhão**

Dedico este trabalho à minha querida avó, Lidia Alves Parente, ao meu padrasto Nilton Maciel Catarino, que sempre me apoiou desde o pouco tempo que o conheço, e as demais pessoas que acreditaram em mim.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, que de alguma forma sempre esteve presente em minha caminhada, concedendo força e perseverança nos momentos mais difíceis.

Ao meu padrasto, Nilton Maciel Catarino, por acreditar em meu potencial, incentivar meus sonhos e me apoiar nos períodos de maior desafio. Aos meus pais, que, à sua maneira, contribuíram para que eu chegasse até aqui. Ao meu irmão, Francisco Wagner Parente, e às minhas sobrinhas, Laura Safira e Helena Vitória, pelo carinho e pela alegria que sempre trouxeram à minha vida.

À minha família de Bacabal e à minha família de Fortaleza, por todo apoio, incentivo e confiança ao longo desta trajetória.

Às minhas amigas de infância, Juliana Mendonça, Ruth Lima, Raquel Lima e Jessyca Berredo, que sempre acreditaram em mim e estiveram presentes em diferentes momentos da minha vida. Aos amigos do surfe, que compartilharam experiências, aprendizados e momentos que contribuíram para minha formação pessoal.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Alex Fabiano Santos Bezerra, pela orientação, pelos ensinamentos e pela contribuição fundamental para a realização deste trabalho. Ao professor Mayrhon José Abrantes Farias, pela paciência e disponibilidade ao longo do processo. À professora Jucileia Neres Ferreira e aos professores Higor Gusmão dos Santos e Mary Cidia Monteiro Sousa Costa, pelo apoio, pelas sugestões e por esclarecerem tantas dúvidas durante a construção deste projeto. À professora Silvana Moura e a todo o corpo docente do Departamento de Educação Física da Universidade Federal do Maranhão, que, por meio de seus ensinamentos, contribuíram significativamente para minha formação acadêmica e profissional.

Aos colegas de curso, que compartilharam comigo os desafios e as conquistas desta caminhada. À equipe de limpeza e organização da UFMA, em especial à Ester, pelas conversas, pelo acolhimento e pelas palavras de incentivo nos momentos mais difíceis, ajudando-nos a seguir em frente e não desistir.

Ao meu chefe, Márcio Kemps, e aos meus colegas de trabalho, Ronivaldo Amorim e Carlos Eduardo, que, em momentos de insegurança e medo, me

ofereceram apoio, conselhos e motivação para enfrentar os desafios da vida com mais coragem.

Por fim, agradeço a mim mesma por não ter desistido diante das dificuldades encontradas ao longo do caminho. Cada obstáculo enfrentado fortaleceu minha determinação e me ensinou que, mesmo quando a caminhada parece árdua, sempre existe a possibilidade de recomeçar e tentar mais uma vez.

A todos que contribuíram, direta ou indiretamente, para a realização deste trabalho, minha sincera gratidão.

Seja forte e corajosa!

RESUMO

O presente estudo aborda o surfe como conteúdo pedagógico nas aulas de Educação Física escolar, destacando suas possibilidades educativas e sua relação com as práticas corporais de aventura. A pesquisa tem como objetivo analisar o surfe enquanto conteúdo de ensino a partir da produção científica da área, identificando suas abordagens no contexto escolar, suas possibilidades pedagógicas e as contribuições para a formação dos estudantes. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa e caráter descritivo, realizada por meio da análise de artigos científicos. O estudo evidencia que o surfe ultrapassa a dimensão esportiva, configurando-se também como manifestação cultural, prática corporal e ferramenta pedagógica capaz de promover valores relacionados à consciência ambiental, respeito às diferenças, cooperação, superação e desenvolvimento crítico dos alunos. Além disso, destaca-se o potencial das cidades litorâneas, especialmente São Luís-Ma, para a inserção de práticas corporais ligadas ao ambiente aquático no contexto escolar. Conclui-se que, apesar das dificuldades estruturais e da escassez de produções científicas sobre o tema na Educação Física escolar, o surfe apresenta grande potencial educativo, podendo ampliar as experiências corporais e socioculturais dos estudantes.

Palavras-chave: Surfe; Educação Física escolar; práticas corporais; esportes de aventura; educação.

ABSTRACT

This study discusses surfing as a pedagogical content within school Physical Education classes, highlighting its educational possibilities and its relationship with adventure body practices. The research aims to analyze surfing as a teaching content based on scientific production in the field, identifying its approaches in the school context, its pedagogical possibilities, and its contributions to students' development. This is a bibliographic research with a qualitative and descriptive approach, carried out through the analysis of scientific articles. The study shows that surfing goes beyond its sportive dimension, also constituting a cultural manifestation, a body practice, and a pedagogical tool capable of promoting values related to environmental awareness, respect for differences, cooperation, overcoming challenges, and students' critical development. Furthermore, the potential of coastal cities, especially São Luís-MA, for the inclusion of body practices related to aquatic environments in the school context is highlighted. It is concluded that, despite structural difficulties and the scarcity of scientific productions on the subject in school Physical Education, surfing presents significant educational potential, contributing to the expansion of students' bodily, social, and cultural experiences.

Keywords: Surfing; School Physical Education; body practices; adventure sports; education.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	12
2. APONTAMENTOS DA HISTÓRIA DO MOVIMENTO HUMANO.....	16
3. FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR.....	19
3.1 ESTRATÉGIAS DE ENSINO.....	21
4. PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA	23
4.1 CONCEITOS, CLASSIFICAÇÕES DAS AFAN'S	23
4.2 PRÁTICAS CORPORAIS NA BNCC	24
4.3 PRÁTICAS CORPORAIS E O AMBIENTE LÍQUIDO	25
5. SURFE COMO PRÁTICA EDUCATIVA NA ESCOLA	27
5.1 CARACTERIZAÇÃO DO SURFE.....	27
5.2. SURFE E AS POSSIBILIDADES DE PRÁTICA NA ESCOLA	29
6. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	31
7. RESULTADOS E DISCUSSÕES	33
8. CONCLUSÃO	42
REFERÊNCIAS	44

1.INTRODUÇÃO

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), a educação compreende processos formativos que se desenvolvem em diferentes contextos, como a vida familiar, a convivência humana, o trabalho, as instituições de ensino e pesquisa, os movimentos sociais, as organizações da sociedade civil e as manifestações culturais. Dessa forma, a educação não se restringe apenas ao universo do trabalho, mas também se relaciona diretamente com as práticas sociais.

A Educação Física se apresenta como um componente curricular obrigatório da educação básica, desempenhando papel relevante ao abordar conteúdos de forma temática. Essa área contribui para a compreensão, codificação e ressignificação de elementos sociais produzidos historicamente por diferentes grupos, conforme orienta a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Sendo as Práticas Corporais de Aventura parte desse cenário, e o surf uma de suas especificidades, caracterizando-se também como uma atividade aquática, pode-se afirmar que, no contexto da educação pública:

A implementação eficaz do conteúdo de natação/atividades aquáticas nas escolas enfrenta diversos desafios relacionados à infraestrutura, que vão muito além da simples disponibilidade de piscinas. Em primeiro lugar, muitas escolas carecem de espaços adequados para o desenvolvimento dos conteúdos da disciplina, como ginásios cobertos, vestiários apropriados e áreas de segurança para o transporte e armazenamento de equipamentos (Moreira, 2024, p. 9).

Quando nos deparamos com essa realidade, as atividades aquáticas são quase que uma utopia no que diz respeito a sua realização no ambiente escolar, contribuindo de forma significativa para a não implementação delas no planejamento de diversos professores. Outra questão inerente, é que quando se toca no assunto de atividades aquáticas, normalmente se aderem ao esporte da natação propriamente dito, fator este, que se reflete no que se tem escrito de produção científica. Com isso, (Carlan, 2018) em seu trabalho, aponta que “os principais estilos de nados esportivos se tornam sinônimo de atividades aquáticas, desconsiderando ou colocando em plano secundário o processo reflexivo da relação do Homem x Água (BRASIL, 1998) e sucessivamente faz uma crítica construtiva a esse sistema, quando discorre que

pretende-se discutir os elementos que bloqueiam ou potencializam a tematização das atividades aquáticas na Educação Física escolar. Ao

analisar as perspectivas dos docentes discutem-se possibilidades de pensar as atividades aquáticas a partir de uma perspectiva crítica, que considera a complexidade da relação do homem com o mundo vivido (Carlan, 2018, p.3).

Em um movimento contrário a essa perspectiva, (Borges, 2018) afirma que “a maioria dos docentes – e a sociedade de modo geral – desconhece a ocorrência de aulas de EF ministradas no meio líquido. “e dessa maneira, nos encaminha formas de aproximar os escolares a atividades aquáticas praticas, que são;

1) o contato com clubes esportivos/recreativos que tenham piscinas e aceitem disponibilizar alguns turnos de suas piscinas para utilização da escola⁹⁰; 2) a busca por projetos de natação ou similares (remo, canoagem) que possam disponibilizar espaço físico e “segurança” (professores, coletes salva-vidas) para vivência; 3) A utilização de rios, lagos ou riachos existentes na cidade em que a escola está situada. Nesse caso é importante a solicitação de apoio para setores públicos atuantes na comunidade, tais como: integrantes do Exército Brasileiro ou do Corpo de Bombeiros; 4) Deslocamento até balneários ou similares na cidade (Borges, 2018, p.117).

Diante do que foi dito, é sabido que existem lugares com um maior potencial para os itens, dois, três e quatro, dado o seu contexto, localização, abundância em meios líquidos e a outros fatores que envolvem questões sociais, culturais e até logísticas. Essas bonificações contribuem então para facilidade da inserção de atividades aquáticas na escola.

Seguindo esse raciocínio, o estado do Maranhão é detentor de uma faixa costeira que possui cerca de 640 km de extensão, sendo tida como a segunda maior do Brasil, e assim comportando caracteres geoambientais múltiplos e contendo um grande potencial pesqueiro, turístico, portuário além da riqueza de seu ecossistema (Lima, 2013, p. 1).

A cidade de São Luís, capital do estado do Maranhão está inserida na Ilha do Maranhão, uma planície fluviomarinha do Golfão Maranhense. A região costeira apresenta grande diversidade paisagística e segue a dinâmica mundial de crescimento populacional e ocupação do solo, direcionados ao litoral (Rabelo et al., 2020; Silva; Farias Filho, 2019).

Esse crescimento urbano, que acabou por ocasionar a ocupação da zona costeira de São Luís, traz consigo instituições de ensino públicos mais próxima a região marítima, e pode ser uma possibilidade de instigar a implementação de

planejamentos que envolvem os meios líquidos nas escolas. Ademais, é comum a tentativa de articulação dessa proposta em cidades litorâneas, fato este que torna São Luís uma grande potencialidade, uma vez que se denomina uma ilha.

Sendo assim,

o surfe está relacionado a um conjunto de práticas esportivas formais e informais, realizado geralmente em mares, rios ou piscinas, em casos específicos, esse esporte tem um contato direto com o meio ambiente, um confronto com a natureza, sendo assim, o surfe tem o comprometimento da sustentabilidade socioambiental, tal responsabilidade será crucial para que os esportes envolvidos com o meio ambiente continuem crescendo e sem danos prejudiciais ao ecossistema (MOREIRA, 2009).

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (ABNC), esta modalidade se constitui como componente curricular obrigatório nos conteúdos de educação física, e com as suas múltiplas dimensões, pode ser compreendido como prática corporal, esporte, movimento cultural e fenômeno histórico. E no que tange à sua atuação na educação, pode atuar como ferramenta pedagógica provocativa, abordando uma visão crítica, maior desenvoltura no sistema social através de seus valores, conscientização ambiental, superação e respeito ao próximo e a natureza. Modalidades como o surfe exigem disciplina, respeito e cuidado durante sua prática, aspectos que podem explorar muitas narrativas e temas críticos no contexto escolar.

Diante do exposto questiona-se como o surfe está sendo trabalhado enquanto conteúdos de ensino das aulas de educação Física em escolas brasileiras?

O estudo teve por objetivo geral: analisar o surfe enquanto conteúdo de ensino das aulas de Educação Física Escolar a partir da produção científica e especializada da área. Os objetivos específicos foram: identificar como o surf vem sendo abordado na literatura científica no contexto da Educação Física escolar; categorizar as possibilidades pedagógicas para o ensino do surf nas aulas de Educação Física; e analisar as contribuições da prática do surf para a formação dos alunos no ambiente escolar a partir da literatura especializada.

A escolha do tema justifica-se tanto por sua relevância acadêmica quanto pela trajetória pessoal da pesquisadora no âmbito dos esportes de aventura. O interesse pela temática emerge a partir de sua vivência desde os 13 anos de idade nesse universo, especialmente com o surfe, prática à qual se dedica há aproximadamente 12 anos.

Essa experiência possibilitou não apenas o domínio técnico da modalidade,

mas também uma compreensão ampliada de seus aspectos culturais, sociais e formativos. Além disso, a proximidade com o surfe favoreceu a identificação com diversas questões críticas que podem ser abordadas no contexto da Educação Física escolar. Entre elas, destacam-se a importância da preservação ambiental, tendo em vista a relação direta da modalidade com o meio natural; o respeito ao próximo e às diferenças, especialmente no que se refere aos distintos tempos de aprendizagem dos praticantes; e ainda as relações sociais e de classe presentes no acesso e na prática do surfe. Tais elementos reforçam o potencial dessa prática como ferramenta pedagógica capaz de promover reflexões significativas no ambiente escolar.

Não obstante, o foco deste trabalho é a análise do que se tem de produção científica sobre o surf, a partir da literatura disponível, e seguindo esse caminho categorizar as possibilidades pedagógicas para o ensino do surfe em ambientes escolares, além de analisar as contribuições que essas práticas trazem para a formação dos escolares.

Para se chegar a essas respostas, o trabalho se caracterizou por uma pesquisa bibliográfica, de cunho qualitativo e disposta descritivamente. Assim, usou-se como descritores, os termos, surfe”, “Educação Física escolar”, “práticas corporais” e “esportes de aventura”, que foram pesquisados em bases de dados acadêmicas.

2. APONTAMENTOS DA HISTÓRIA DO MOVIMENTO HUMANO

O homem desde de sua aparição na terra, sempre esteve repleto de movimento, pois suas atividades do dia a dia requeriam bastante força, velocidade, virilidade, deslocamento, logo, “suas constantes migrações em busca de moradia faziam com que realizassem longas caminhadas, ao longo das quais lutavam, corriam, saltavam e nadavam” (Oliveira, 1983, p. 7). Além de habilidades motoras grossas, também desenvolveram as finas, cujo seu desenvolvimento ajudou na “otimização de gestos e na construção de ferramentas que possibilitassem maior sucesso nas práticas de sobrevivência” (Oliveira, 1983, p. 7).

Mesmo sabendo que a educação física surgiu em definitivo como conteúdo escolar apenas no início do século XIX na Europa, é necessário descrevermos – ainda que rapidamente – quais foram os significados sociais das práticas físicas em civilizações antigas (Capraro et al., 2023, p. 38).

A educação física estando presente na civilização oriental e ocidental, teve forte influência desta última, com os povos gregos e romanos. Para tanto, estarei me reportando principalmente a estes dois povos no que diz respeito a antiguidade. Todavia, de acordo com Oliveira (1983) não podemos deixar de citar a importância dos povos chineses, com a criação, do que provavelmente seria o sistema de ginástica terapêutica mais antigo que se tem notícia, dos indianos, com a sua elevação espiritual e o yoga como sua manifestação suprema, e dos egípcios, com a manifestação do treinamento rigoroso de seus soldados.

Quando se fala em Grécia Antiga, algumas referências são lembradas, tais como, os jogos olímpicos, a maratona, entretanto, cabe ressaltar aqui que, de acordo com Capraro (2023), mesmo servindo de influência, essas manifestações culturais sofreram uma ressignificação para com os tempos atuais, “Parte da formação do cidadão grego residia no processo de purificação do espírito, vigente na ideia de que não era possível a perfeição sem a beleza do corpo” (Rubio, 2002, p. 131). Os jogos estavam muito presentes na vida dos cidadãos gregos, “contam os eleenses que Héracles, criado no Monte Ida, na Ilha de Creta, propôs aos irmãos um concurso pedestre para se exercitarem na corrida, dando origem ao primeiro gênero de competição: o atletismo” (Rubio, 2002, p. 131).

O que os romanos fizeram foi aperfeiçoar as técnicas de treinamento já criadas pelos gregos, a fim de usá-las com fins militares e, posteriormente, como preparação dos artífices de um espetáculo violento que servia de entretenimento popular (Capraro *et al.*, 2003, p. 56).

Na idade média, toda aquela valorização do corpo concomitantemente com a o pensamento humano, sofreu uma inversão, já que com o surgimento da igreja católica como instituição fez com que galgassem por esse caminho, neste momento, havia o prestígio do que vinha da alma em detrimento aos cuidados apenas corpóreos, que quando em excesso poderiam ser interpretados como atos pecaminosos. “Muitas práticas comuns da antiguidade, tais como: as termas ou banhos públicos, o teatro e o esporte foram banidos, dando lugar agora a disputas teológicas” (Silva *et al.*, 2017, p. 109).

Dentro desse contexto, podemos citar a figura do cavaleiro que era a representação da nobreza, e para a sua preparação, práticas como esgrima, arco e flecha, marchas, corridas a pé, equitação e jogos de torneios e justas faziam parte do seu cotidiano. Havia também a presença dos jogos equestres e das justas, que eram disputas entre dois cavaleiros (Capinussú, 2005, p.54).

Na idade moderna destaca-se o período renascentista, ao qual “foi um movimento cultural ocorrido entre os séculos XIV e XVI, com uma nova visão do mundo. Nessa época, a Europa viveu muitas transformações no campo das técnicas, das artes, da política, do conhecimento, da literatura, entre outros.” (Pithan *et al.*, 2008, p. 1). Tal reviravolta se manifesta na educação física através da revalorização do corpo em detrimento aos pensamentos estabelecidos pela igreja, podemos ver a volta de algumas atividades de lazer e também competitivas, “são os casos de duas atividades bastante conhecidas até a atualidade: o cálculo fiorentino e o palio di Siena” (Capraro *et al.*, 2003, p. 60).

Com a industrialização, o mundo passa a enxergar a educação física como aliada do homem, podendo proporcionar-lhe um papel fundamental dentro da sociedade. Nesse momento é importante destacar a forte utilização do homem no que diz respeito a sua força de trabalho.

A educação física será a própria expressão física da sociedade do capital. Ela encarna e expressa os gestos automatizados, disciplinados, e se faz protagonista de um corpo “saudável”; torna-se receita e remédio para curar os homens de sua letargia, indolência, preguiça, imoralidade, e, desse modo, passa a integrar o discurso médico, pedagógico... familiar (Soares, 1994, p. 6).

A partir do ano de 1800 vão surgindo na Europa, em diferentes regiões, formas distintas de encarar os exercícios físicos. Essas “formas” receberão o nome de “métodos ginásticos” (ou escolas) e correspondem aos quatro países que deram origem às primeiras sistematizações sobre a ginástica nas sociedades burguesas: a Alemanha, a Suécia, a França e a Inglaterra [...]. Estas mesmas sistematizações serão transplantadas para outros países fora do continente europeu (Soares, 1994, p 51-52).

No cenário brasileiro, a educação física escolar teve forte influência militar e higienista, tendo a ginástica como uma das principais protagonistas na sua trajetória por influência dos respingos Europeus do século XIX. “Foi entendida como um elemento de extrema importância para o forjar daquele indivíduo “forte”, “saudável”, indispensável à implementação do processo de desenvolvimento do país” (Filho, 2010, p 30).

3. FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

A educação física é uma prática pedagógica, que no universo escolar, tematiza diversas formas de atividades expressivas corporais como: jogo, dança, ginástica, das quais se configuram como cultura corporal (Coletivo, 1992, p. 41).

O homem se detém da cultura corporal e a utiliza de forma lúdica, artística, agonística, estética entre outras e desenvolve um “sentido pessoal” pelo qual através dele expressa a sua subjetividade relacionando com a sua própria realidade, seu mundo e suas motivações (Coletivo, 1992, p. 33).

Logo, ela se entende como parte importante no processo educativo, influenciando na formação dos indivíduos, e focalizando não apenas o esporte, mas fatores motores, críticos, sociais, culturais e desenvolvimento humano. Dessa forma, é importante entender que o processo de ensino dos alunos está envolto de um eixo inexplorado do que se pode ofertar, por isso deve-se sempre estar buscando formas e métodos para preparação dos alunos. (Gonçalves, 1997).

A educação física orientada pedagogicamente, pode contribuir com experiências que transcendem o corpo em movimento, propiciando o aprendizado de valores, atitudes e competências socioemocionais (Darido e Rangel, 2019).

O currículo escolar que impera atualmente se situa através de embasamento científico moderno, áreas com matemática, ciências, línguas, geografia e etc, que se balizam por um conhecimento erudito baseado a um sistema de dois ou três séculos. Todavia, outras áreas como artísticas, educação moral e cívica e a própria educação física não se encaixam nesse lugar, e, portanto, acabam gerando desconforto na escola, este fato acaba por despontar questionamentos a respeito de sua finalidade (Betti, 2002).

“A discussão sobre o objeto da Educação Física escolar perpassa pela reflexão sobre a sua própria natureza.” Logo, esse termo surge por volta dos séculos XVII, e influenciados pelos ideais racionalistas e liberais, juntamente com os avanços da medicina foram trançando-se caminhos para a sua aparição nos currículos, através das escolas de ginástica, com a intenção de relaciona-la a uma educação moral e intelectual, fortalecendo a perspectiva burguesa de educação da época (Furtado, 2023).

A Educação Física possui um vasto conteúdo formado pelas diversas manifestações corporais criadas pelo ser humano ao longo dos anos.

São eles jogos, brincadeiras, danças, esportes, ginásticas, lutas, etc. Este conjunto de práticas tem sido chamado de cultura corporal de movimento, cultura corporal, cultura de movimento, etc. Por se tratar de um conjunto de saberes diversificado e riquíssimo, existe a possibilidade de transmiti-lo na escola (ROSÁRIO, 2005, p. 167).

Umas das características marcantes na Educação Física escolar, é sua ampla capacidade de disseminação de práticas corporais e conteúdos, levando-nos ao questionamento do que realmente se trata o seu conhecimento de ensino, muito disso acontece pela variedade de objetos em que ela está inserida, podendo ser abordada através de diversas intervenções curriculares. Desta maneira, (Martins, [?]) discorre que, “o conteúdo não se reduz à mera informação ou a uma habilidade prática, mas constitui-se como um meio de mediação cultural e emancipação intelectual, articulando as dimensões cognitivas, afetivas e ético-políticas da formação humana e crítica.”

Soares (1996) no texto, educação física escolar: conhecimento e especificidade, aponta que um indivíduo ao chegar na escola, não se apresenta desprovido de informação.

“Como não se chega vazio até ela, este mergulho não é cego... ele é parte de um impulso humano para aprender” [] “escola então estaria tratando de saberes mais elaborados ou, conforme Snyders, rompendo com a cultura primeira, ampliando o horizonte do aluno para coisas, lugares e saberes que ele não atingiria sem ela.” [] Os atos de andar, correr, saltar, são atos da vida diária, da vida em sociedade, são traços da cultura que já inscreveu nos corpos estas ações [] estes atos da vida diária foram codificados ao longo da história do homem em universos de saber: técnico, científico e cultural. Esta codificação sim poderá ser objeto de ensino da Educação Física. Por exemplo: o ato de andar será para a ginástica o conjunto de passos como por exemplo o “passo picado”, “cruzado”, “passo valsa”, etc.; o ato de correr será uma prova para o Atletismo como a corrida de velocidade, de meio-fundo, de fundo, com barreiras, etc.; o ato de saltar será o salto com vara, o salto triplo, em extensão, em altura; ou na ginástica o salto sobre o cavalo, o salto grupado, salto afastado, salto carpado⁷, etc (Soares, 1996, p.8).

Para tanto, “a constituição dos conteúdos, saberes e conhecimentos da Educação Física escolar está diretamente relacionada ao processo historiográfico de inserção e consolidação da área no ambiente educacional” (Martins, [?]). De acordo com (Junior *et al*, 2019), quando pensamos em conteúdo, nos atentamos ao currículo,

avaliação da aprendizagem, estratégias didáticas, necessidades dos alunos. E tudo isso, se formula através de um conjunto de fatores.

Pensar em conteúdo é pensar em currículo, em avaliação da aprendizagem, em estratégias didáticas, nas necessidades dos alunos. É pensar e repensar a concepção de Educação Física e de escola. Ao selecionarmos os conteúdos na construção curricular estaremos direcionando parte do aprendizado de nossos alunos, o que torna tal momento um dos mais importantes na construção de uma escola democrática e participativa (Junior *et al.*, 2019, p 9).

O termo conteúdo geralmente é utilizado para expressar os conhecimentos que irão compor o currículo e que deveremos aprender. Para Zabala (1998, p.30) “devemos nos desprender desta leitura restrita do termo ‘conteúdo’ e entendê-lo como tudo quanto se tem que aprender para alcançar determinados objetivos que não apenas abrangem as aprendizagens cognitivas [...]”. Neste sentido, o autor entende que todo conhecimento que desenvolva capacidades afetivas, motoras de inserção social e relação interpessoal serão conteúdos de aprendizagens (Zabala, 1998). (Junior *et.al*, 2019, p 9)

3.1 ESTRATÉGIAS DE ENSINO

De acordo com Adelino (2012), a atividade docente é caracterizada pelo desafio permanente dos profissionais da educação em estabelecer relações interpessoais com os educandos e que os métodos utilizados cumpram os objetivos a que se propõem. Logo, elas atuam como meios de ascender o processo de ensino aprendizagem.

O conhecimento das Estratégias de Ensino é a forma como o professor representa a matéria, os modos de instrução, demonstrações, explicações, analogias, metáforas, exemplos, tarefas de aprendizagem ou exercícios que o professor utiliza para fazer o aluno compreender um tópico específico da matéria (Graça, 2001; Grossman, 1990, Shulman, 1987, apud Ramos, 2008, p.166).

Dentro da escola, para além das estratégias, diversos são os fatores que interferem nesse caminho de ensino- aprendizagem, tais como: a estrutura das instituições de ensino, as condições de trabalho dos docentes, as questões sociais que envolvem os alunos, recursos disponíveis na escola.

Remetendo a Educação Física, não existe uma delimitação rígida entre conteúdos e estratégias pedagógicas, uma vez que esses elementos podem desempenhar ambas as funções no processo de ensino-aprendizagem. O jogo, por exemplo, que sendo sinônimo do lúdico, pode se comportar tanto como um conteúdo a ser desenvolvido quanto como uma estratégia de ensino. Essa característica amplia as possibilidades de atuação do professor, que pode selecionar e adaptar diferentes formas de dar aula, fazendo com que a disciplina se distinga das demais e a considere diferenciada nesse contexto de aprendizagem. Todos esses elementos atuam de forma significativa na vida dos educandos, envolvendo agentes afetivos, sociais e motores (Betti, 2002).

Os aspectos metodológicos que envolvem a Educação Física apesar de conterem suas diferenças, se assemelha as demais, em condições referentes a constante busca por uma estratégia metodológica que possa dar conta das novas necessidades educacionais. O ensino vem, historicamente, buscando organizar meios e formas metodológicas que sejam colocadas em prática para o atendimento das exigências que permeiam o mesmo (Oliveira, 1997).

4. PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA

As práticas corporais de aventura se constituem por manifestações da cultura corporal que proporcionam experiências de desafio, exploração e interação com diferentes ambientes naturais e urbanos. Portanto, levando em consideração essas informações, explanaremos um pouco sobre sua classificação, e como elas estão inseridas na BNCC. Ademais, será discutido as características das práticas desenvolvidas em meio líquido, suas especificidades e potencialidades, fazendo um recorte ao Estado do Maranhão, no qual o presente trabalho se origina.

4.1 CONCEITOS, CLASSIFICAÇÕES DAS AFAN'S

Primeiramente, antes de entrarmos no conceito das praticas corporais de aventura, é importante destacar que em relação a sua denominação, a literatura aponta uma discrepância no que se refere aos termos usados para esse objeto de estudo.

Logo, de acordo com Tahara *et al* (2026), diversas são as definições terminológicas existentes nos estudos realizados em âmbito nacionais, desta maneira, este fator acaba por ocasionar uma dificuldade nas investigações científicas, pois são muitos nomes para o mesmo objetivo buscado e essas variações podem causar confusões na hora da pesquisa.

Schoenberber (2026) cita em seu trabalho várias nomenclaturas que podem ser encontradas na literatura especializada tais como:

Atividades Físicas de Exploração da Natureza (AFEN), Atividades Físicas de Aventura na Natureza (AFAN), Atividades Físicas de Aventura (AFA), Práticas Corporais de Aventura (PCA), Práticas Corporais de Aventura na Natureza (PCAN), Esportes de Aventura, Atividades de Aventura, Esportes Radicais, Atividades Físicas Alternativas entre outras. (Schoenberger, 2026, p. 40).

Nesse sentido, essa diversidade afeta a delimitação conceitual do objeto de estudo, a busca e a interpretação dos dados científicos. Quando diferentes termos são utilizados para se referir a práticas semelhantes podem surgir confusões.

Diante deste contexto, cabe ressaltar que a dinâmica do homem na natureza existe desde os primórdios da humanidade, entretanto o foco antes era predominantemente a sobrevivência diante de perigos e incertezas que se relacionava ao meio caótico habitual consistente na natureza. Logo, de acordo com as mudanças ocorridas no mundo durante o seu processo histórico, surgem os diversos termos referentes as atividades praticadas na natureza.

Nesse contexto, as práticas corporais de aventura emergem como manifestações significativas da cultura corporal contemporânea. Atividades como escalada, slackline, parkour, surfe, rapel, canoagem, entre outras, têm se difundido em ambientes urbanos e naturais, conquistando jovens por seu caráter desafiador e pela possibilidade de vivenciar novas formas de relação com o corpo e com o espaço (Marinho, 2001). Essas práticas trazem a ideia de risco controlado, exigindo do praticante tomada de decisão, coragem, criatividade e espírito de cooperação (Ribeiro, 2026, p. 22 apud Marinho, 2001).

Essas práticas podem ocorrer em terra, água ou ar, e também podem ser entendidas como atividades inovadoras que se distinguem dos esportes convencionais, uma vez que para a sua realização são encontrados equipamentos tecnológicos inerentes as suas peculiaridades. E também são mais comumente praticadas em momentos de lazer (Marinho, 2026).

4.2 PRÁTICAS CORPORAIS NA BNCC

A Base Nacional Comum Curricular é um documento que tem como objetivo definir o conjunto e aprendizagens essenciais, destinadas as etapas e modalidades da Educação Básica. Diante disso, a Educação Física se caracteriza pelo componente curricular que oportuniza vivências de práticas corporais em diversas manifestações.

Dentre estas, a BNCC inclui, entre suas unidades temáticas, as Práticas Corporais de Aventura (PCA), compreendidas como atividades caracterizadas pela imprevisibilidade e pelo enfrentamento de desafios impostos pelos diferentes ambientes (Silva, 2025).

As AFAN'S só passaram a existir nas unidades temáticas desde a atualização do documento em 2018, tornando-a conteúdo inovador dentro das escolas. O arquivo aponta que essas práticas se centram em peripécias e proezas provocadas em situações de imprevisibilidade ocorridos em ambientes desafiadores. Também

constam sua classificação, que se refere a esportes praticados em ambientes naturais e ambientes urbanos. Dos quais; na natureza envolvem risco controlado e já na urbana envolvem os locais de cimento e pedra (BNCC, 2018). Entretanto, essa classificação não se fossiliza, uma vez que podem ocorrer vivências de cunho natural em locais urbanos e vivências urbanas em locais naturais.

Outra perspectiva é de acordo com Costa *et al* (2022) que se retrata ao meio natural como em locais arborizados, onde pode haver maior contato com o meio ambiente e a partir disto a exploração de paisagens pouco visitadas. E levando em pauta os ambientes urbanos, se direciona mais as cidades, ou áreas que já tiveram intervenção do ser humano em sua estrutura e desta maneira foram adaptadas para experiências deste tipo.

Por fim, as AFAN'S estão presentes dentro do contexto escolar desde o sexto ano do ensino fundamental, até o terceiro ano do ensino médio. No ensino fundamental, a Base Nacional Comum Curricular organiza esses conteúdos em práticas corporais de aventura urbanas, desenvolvidas no 6º e 7º anos e práticas corporais de aventura na natureza, abordadas no 8º e 9º anos. Podendo ser utilizadas para trabalharem aspectos motores, cognitivos e sociais na educação básica.

4.3 PRÁTICAS CORPORIAS E O AMBIENTE LÍQUIDO

O ambiente líquido incorpora diversas finalidades, desta maneira, a água proporciona diversos benefícios que vão além de fins econômicos. O seu uso também pode envolver iniciativas culturais e espirituais. Como por exemplo, contemplações de lagos, exercícios físicos em meios aquáticos, fatores estes que representam a ligação que o homem tem com a água. (Fracalanza, 2009)

“As representações culturais das águas variam segundo as culturas, as religiões, o habitat em que se desenvolveram, sua maior ou menor disponibilidade e sazonalidade.” (DIEGUES, 2007, p 1)

No panorama tradicional costuma-se atribuir o sentido de perigoso as águas marítimas, fato este surgido através do conhecimento tradicional existente. Enquanto que para as águas doces, como rios, riachos e fontes costumam-se atribuir considerações positivas. (Silva G, 2000)

O ambiente aquático sempre foi motivo de adoração, celebração e de desafio para o ser humano. O homem teve diversos motivos para se relacionar de forma intensa com este cenário, seja para a respectiva subsistência – como a pesca, por exemplo, bem como meio para a conquistas de novas terras com as incríveis embarcações e para a promoção de atividades físicas, terapêuticas e recreativas. O ser humano quando permite a exploração deste lindo cenário, promove situações de prazer e satisfação, como os momentos em família numa praia e/ou piscina, e a realização de esportes e atividades aquáticas como meio de melhora da qualidade de vida. (SILVA, 2015, n.p)

Atividades aquáticas podem proporcionar uma interação maior que uma simples modalidade esportiva (Alves, 2023, p.10). Nesse sentido, “os países tropicais com costas extensas, praias arenosas, quentes e ventiladas, apresentam-se como um dos protagonistas.” (Pereira, 2019, p.4)

Desta forma, se referindo a ilha de São Luís, o município possui “5 praias que se são consideradas como rurais e 17 como urbanas, conforme o plano diretor do município do ano de 2022. Dentre as praias urbanas, podemos destacar as praias do litoral norte (Ponta D’Areia, São Marcos, Calhau, Caolho e Olho D’Água), por serem as mais frequentadas, nas quais encontram-se melhores condições estruturais para o desenvolvimento turístico. (Silva, 2024, p.216)

Estas características proporcionam um leque de oportunidades para praticas aquáticas em ambientes líquidos, tais como canoagem, surfe, *stand up paddle*, *kitesurf*, velejo entre várias outras.

5. SURFE COMO PRÁTICA EDUCATIVA NA ESCOLA

“O surfe é um esporte que promove grande interação do homem com a natureza. Pois, o praticante costuma ficar muito tempo em contato com o mar ou na praia à espera da onda perfeita” (Chagas, 2017 p.22).

De modo geral, o surfe desempenha um papel importante no desenvolvimento integral do indivíduo, contribuindo para o aprimoramento das capacidades físicas e para o preparo psicológico diante de desafios e esforços. Além disso, favorece o equilíbrio físico e emocional, fortalece valores relacionados à formação do caráter e da disciplina e estimula a convivência e a adaptação social. Para que a sua prática faça parte da vida das pessoas, é fundamental que, desde a infância, sejam proporcionadas experiências que despertem o interesse e o prazer. Nesse contexto, cabe à escola organizar suas propostas pedagógicas de forma a incentivar a vivência das diferentes modalidades esportivas, promovendo a construção de hábitos saudáveis que possam ser mantidos ao longo da vida (Daiurto, 1983).

5.1 CARACTERIZAÇÃO DO SURFE

O nascimento do surfe é uma questão delicada, dada a dispersão de informações conhecidas, que contribuem para dúvidas em relação ao seu lugar de origem. Entretanto, existem registros de sua prática em diferentes lugares do mundo, sobretudo em regiões do Pacífico, como o Peru (MENEGHELLO, 2025).

O surfe é uma modalidade esportiva cujo objetivo principal consiste em deslizar sobre as ondas utilizando uma prancha. Sua prática pode ocorrer em diferentes ambientes aquáticos, como mares, rios e piscinas de ondas, embora seja desenvolvida predominantemente no mar. A execução de manobras durante o percurso sobre a onda confere à modalidade características próprias, tornando-a dinâmica e atrativa. Além disso, o surfe proporciona ao praticante a sensação de deslizar sobre a água, favorecendo uma interação direta com o ambiente natural e fortalecendo a relação entre o indivíduo e a natureza (Bastos, 2017).

Marcado por sua aproximação ao mar e carregado de características únicas, o surfe, além de ser uma modalidade esportiva, é considerado por muitas pessoas como um estilo de vida. Quando um indivíduo experimenta a sensação de deslizar

pelas ondas, ou mesmo de entrar mais a fundo no mar, ainda que sentado na prancha, a sensação retratada pelas pessoas é de esplendor.

Em relação às suas características, ele carrega elementos culturais que o marcam bastante, tais como vestimentas próprias para a prática no mar e fora dele, um dialeto próprio da comunidade surfista e, dependendo do lugar, até um horário específico para sua prática, devido ao andamento das marés.

A prancha configura-se como o principal equipamento utilizado na prática do surfe. Desde as origens da modalidade, entre os povos polinésios, esses equipamentos eram confeccionados considerando as características do ambiente marítimo e as necessidades dos praticantes. Atualmente, as pranchas apresentam diferentes especificidades, sendo adaptadas às características individuais de cada surfista, como nível de habilidade e condições de prática, contribuindo para o aprimoramento da performance e para a redução de possíveis acidentes ou lesões relacionados à modalidade. (Lorch, 1980)

As pranchas mais atuais podem vir de diferentes tamanhos, servindo para condições específicas de surfe. Elas podem variar em relação as modalidades inerentes ao esporte, tanto em altura, peso, e habilidades do praticante. (Fordham, 2008).

Como toda evolução, as pranchas utilizadas na sua prática passaram por diferentes materiais, começando pela madeira e chegando às pranchas de isopor e resina usadas atualmente. Dentre suas categorias, podemos destacar o *surfboard* e o *bodyboard*, que se diferenciam pelo modo como o surfista desliza nas ondas, podendo ser em pé ou deitado. Em ambas as categorias existem variedades de formas e tamanhos de pranchas, com especificações que apresentam um tipo de numeração específica e que se aplicam ao objetivo de quem a utiliza, de acordo com as características do mar em que se surfa. (Oliveira, 2019)

Além da diversidade de materiais, também existe uma variedade de praticantes, como adultos, crianças, idosos e pessoas com deficiência, sejam do sexo masculino ou feminino, cada um com sua individualidade.

5.2. SURFE E AS POSSIBILIDADES DE PRÁTICA NA ESCOLA

Quando o assunto é surfe na escola, um dos principais pontos a ser levado em consideração é a localização dessas instituições. Esses fatores andam de mãos dadas com o ambiente que se inserem, as políticas públicas da região, cultura do local e a teia escolar, que reflete as relações envolvidas entre docência, gestão, alunos e a sua comunidade envolvida.

Em contextos de regiões litorâneas, essa fragmentação assume contornos ainda mais paradoxais. Existe a hipótese de que algumas escolas situadas próximas à praia tendem a manter suas práticas pedagógicas circunscritas ao espaço intramuros, apesar da presença de um território marcado por dinâmicas ecológicas, culturais, econômicas e corporais que interpelam diretamente o cotidiano dos estudantes. A praia, enquanto território vivido, constitui-se como espaço de circulação de saberes locais, práticas corporais diversas, conflitos ambientais e processos socioeconômicos complexos. Entretanto, tais dimensões raramente materializam-se como operadores curriculares estruturantes (JUNIOR, 2026, n.p)

Sabe-se que não é simples romper com essa lógica de intramuros, entretanto, diante desse cenário, cabe ao professor galgar meios para a operacionalização desses conteúdos existentes no currículo de educação física. Logo, no que tange à cidade de origem deste trabalho, podemos identificar uma forte influência de sua hidrografia sobre as dinâmicas populacionais, das quais se destacam as bacias hidrográficas e a sua região marítima.

A inserção do surfe no contexto escolar representa uma oportunidade de ampliar as experiências dos estudantes com as práticas corporais de aventura, diversificando os conteúdos tradicionalmente desenvolvidos nas aulas de Educação Física. Embora seja uma modalidade frequentemente associada ao ambiente litorâneo, seu ensino na escola não depende, necessariamente, da prática no mar. A proposta pedagógica pode contemplar conhecimentos conceituais, procedimentais e atitudinais relacionados ao surfe, possibilitando que os estudantes compreendam sua história, suas características, seus equipamentos, suas regras, sua relação com a cultura e sua importância para a preservação do meio ambiente.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) reconhece as práticas corporais de aventura como conteúdo da Educação Física, incentivando o desenvolvimento de competências relacionadas à autonomia, à resolução de problemas, ao respeito às normas de segurança e à interação responsável com os diferentes ambientes. Nesse

contexto, o surfe apresenta potencial para contribuir com a formação integral dos estudantes, promovendo não apenas o desenvolvimento das capacidades físicas e motoras, mas também de aspectos cognitivos, sociais, afetivos e ambientais. (BNCC, 2018)

Além disso, a modalidade pode ser adaptada às diferentes realidades escolares por meio de atividades que simulem movimentos técnicos, exercícios de equilíbrio, coordenação motora e percepção corporal, utilizando materiais alternativos ou equipamentos disponíveis na própria escola. Essas adaptações permitem que os alunos vivenciem princípios fundamentais do surfe, mesmo em instituições distantes do litoral, favorecendo uma aprendizagem significativa e inclusiva.

A Cultura Oceânica, também denominada *Ocean Literacy*, consiste na compreensão da relação de interdependência entre os seres humanos e os oceanos, considerando tanto a influência exercida pelo ambiente marinho sobre a sociedade quanto os impactos das ações humanas sobre esse ecossistema. Sob essa perspectiva, a alfabetização oceânica deve integrar o processo de formação escolar, fortalecendo a conexão dos estudantes com os ambientes marinhos. A inserção dessa temática na educação é fundamental para que as novas gerações desenvolvam conhecimentos sobre a importância e a complexidade dos oceanos, bem como atitudes de responsabilidade e compromisso com sua conservação e uso sustentável. (Young et al apud Pazoto et al., 2022, 2023a; 2023b).

Outro aspecto também relevante é o caráter interdisciplinar da modalidade surfe que integrada a educação ambiental, possibilita o estabelecimento de relações com diferentes áreas do conhecimento. O estudo das ondas, das marés e dos fenômenos climáticos pode ser articulado como conteúdo das Ciências da Natureza e da Geografia, enquanto a história do surfe e sua influência cultural permitem aproximações com a História, a Sociologia e a Cultura Corporal de Movimento. Dessa forma, o surfe configura-se como um conteúdo capaz de enriquecer o processo de ensino e aprendizagem, aproximando os estudantes de uma prática corporal que valoriza a interação com a natureza, o respeito ao meio ambiente e a adoção de hábitos de vida ativos e saudáveis. (Silva,2023)

6. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

“Pesquisa é entendida tanto como procedimento de fabricação do conhecimento, quanto como procedimento de aprendizagem (princípio científico e educativo), sendo parte integrante de todo processo reconstrutivo de conhecimento” (PRODANOV, 2013, p 42)

Pesquisa bibliográfica: quando elaborada a partir de material já publicado, constituído principalmente de: livros, revistas, publicações em periódicos e artigos científicos, jornais, boletins, monografias, dissertações, teses, material cartográfico, internet, com o objetivo de colocar o pesquisador em contato direto com todo material já escrito sobre o assunto da pesquisa. Em relação aos dados coletados na internet, devemos atentar à confiabilidade e fidelidade das fontes consultadas eletronicamente. Na pesquisa bibliográfica, é importante que o pesquisador verifique a veracidade dos dados obtidos, observando as possíveis incoerências ou contradições que as obras possam apresentar. (PRODANOV, 2023, p 42)

Desta maneira, a presente pesquisa caracteriza-se como um estudo de abordagem qualitativa, de natureza bibliográfica, com caráter descritivo. Segundo Selltiz *et al.* (1965), a pesquisa descritiva busca descrever um fenômeno ou situação em detalhe, especialmente o que está ocorrendo, permitindo abranger, com exatidão, as características de um indivíduo, uma situação, ou um grupo, bem como desvendar a relação entre os eventos. (Oliveira, 2011, p 21)

Logo, para o desenvolvimento da pesquisa, foram realizadas buscas em bases de dados acadêmicas, como o Google Acadêmico, SciELO (Scientific Electronic Library Online), Portal de Periódicos Capes, BDTD (Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações). E os descritores utilizados foram nomes relacionados ao tema, tais como; “surf”, “escola”, “educação” e “Educação Física”.

Como critérios de seleção, priorizaram-se estudos brasileiros e que abordassem diretamente a inserção do surfe no ambiente escolar, bem como produções que discutissem suas contribuições para o desenvolvimento dos alunos permitindo uma reflexão crítica sobre suas possibilidades na educação básica. Essas informações foram organizadas numa tabela de forma cronológica, destacando o seu ano de origem, local de publicação e tipo de trabalho desenvolvido.

A análise dos dados foi realizada por meio de leitura, interpretação e organização das informações encontradas, buscando identificar as principais

abordagens, desafios e possibilidades relacionadas ao ensino do surfe na escola. Dessa forma, a pesquisa buscou sistematizar o conhecimento existente, contribuindo para a ampliação das discussões sobre a temática no campo da Educação Física.

7. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A modalidade do Surfe vem se popularizando, ganhando espaço e consequentemente novos praticantes. Um dos fatores marcantes que levou a inserção de novos aprendizes no Brasil, de acordo com (Fonseca, 2024) envolve o termo “Brazilian Storm”, popularizado pela cobertura midiática desde 2014 com o Gabriel Medina se consolidando o primeiro brasileiro a subir no pódio do circuito mundial de surfe, e dando continuação com outros atletas como Adriano de Souza, Ítalo Ferreira, Felipe Toledo que tomaram a frente da World Surf League e com isso levam o Brasil a ser considerado o país do surfe. Logo, a WSL contém 34 atletas listados na elite do surfe, e dentre esses, 9 são brasileiros, ou seja, o Brasil domina a nata do surfe perdendo apenas pra Austrália que contém 8 atletas.

Na conjuntura nacional o surfe como tema em trabalhos acadêmicos ainda é considerado um perfil escasso, entretanto, diante do que foi exposto, estes acontecimentos também provocaram a influência no contexto acadêmico e, portanto, essa narrativa está se modificando, embora lentamente. Outro fator influente, foi a atualização da BNCC, com as práticas corporais de aventura e atividades aquáticas em 2017, instigando, desta maneira a experimentação de novas modalidades dentro das escolas.

Através da análise bibliográfica do que se tinha escrito sobre surfe, pode-se encontrar alguns estudos que dissertam sobre a literatura existente, dentre eles o artigo de (Brasil et al., 2013), discorre sobre os temas encontrados nos periódicos desde 2000 a 2011 que envolveram tanto trabalhos em português, inglês e espanhol. O intrigante é que foram encontrados 150 trabalhos e dentre esses apenas 7 eram de cunho pedagógico.

Em um outro trabalho de (Neto et al., 2017), foram analisados apenas artigos publicados em periódicos brasileiros entre 2000 e 2015, e nesse estudo foram encontrados 27 artigos, dos quais apenas um vem com a palavra “pedagogia” no título e ainda assim não faz referência a pedagogia no ambiente escolar, mas sim sobre as técnicas de ensino.

É interessante destacar que de acordo com esses trabalhos citados anteriormente, a maior parte dos artigos publicados com os descritores surfe, se referiam a áreas Sócio- Antropológicas, entretanto dentre elas quase não se

encontraram temas voltados a área educacional e que se referiam a prática docente na escola, até mesmo por influência de todos os fatores citados anteriormente.

A maior parte dos trabalhos encontrados no que se referem ao surf como conteúdo dentro da sala de aula no presente estudo, datam de 2017 a 2026, com apenas um trabalho publicado no ano de 2013. Dentre esses estudos, quatro se referem a trabalhos de conclusão de curso e os outro cinco a relatos de experiência. Desta maneira, esses dados foram dispostos numa tabela e organizados por ordem cronológica dos mais antigos para os mais recentes e cada pesquisa contém o local de origem e tipo de pesquisa. Desta forma, foram colocados os quadrados brancos para relato de experiência e cinza para trabalhos de conclusão de curso.

PESQUISAS SOBRE SURFE NA ESCOLA		
LUTAS E SURFE NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR		
ANO: 2013	LOCAL: FLORIANOPOLIS-SC	PESQUISA: RELATO DE EXPERIÊNCIA
O SURFE COMO TEMA DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR EM ESCOLAS PÚBLICAS DE FLORIANÓPOLIS/SC		
ANO: 2017	LOCAL: FLORIANÓPOLIS-SC	PESQUISA: TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
RELATO DE EXPERIENCIA: A PEDAGOGIA DO SURF NA EDUCAÇÃO BASICA		
ANO: 2018	LOCAL: BERTIOGA-SP	PESQUISA: RELATO DE EXPERIÊNCIA
O SURFE NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: RELAÇÕES ENTRE A LEGISLAÇÃO E A PRATICA PEDAGÓGICA		
ANO: 2019	LOCAL: FLORIANOPOLIS-SC	PESQUISA: TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
ADAPTAÇÃO DO SURF NA ESCOLA		
ANO: 2022	LOCAL: VITÓRIA-ES	PESQUISA: TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
A TEMATIZAÇÃO DO SURFE NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UM RELATO DE EXPERIENCIA		
ANO: 2022	LOCAL: SUL DE MINAS GERAIS	PESQUISA: RELATO DE EXPERIÊNCIA

O SURFE EM TEMPOS DE APRENDIZAGENS REMOTAS: EXPERIÊNCIAS DO ESTAGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA		
ANO: 2023	LOCAL: MARANHÃO	PESQUISA: RELATO DE EXPERIÊNCIA
O SURFE COMO PRÁTICA CORPORAL NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR		
ANO: 2023	LOCAL: MACEIÓ	PESQUISA: TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
NAS ONDAS DA CIDADE: O ENSINO DO SURFE COMO PRÁTICA CORPORAL DE AVENTURA NA ESCOLA		
ANO: 2026	LOCAL: CUIABÁ	PESQUISA: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Levando em consideração o quadro acima, pode-se perceber a predominância de estudos em regiões sul e sudeste, sendo três de Florianópolis (Sul), um de Bertioga- SP(Sudeste), e outro do interior do Sul de Minas Gerais (Sudeste), totalizando cinco. Na região (Nordeste) foram encontrados dois, Maranhão e Alagoas e apenas um na região (centro-oeste), Cuiabá. O que nos leva ao questionamento, por que a predominância é sul e sudeste?

O Brasil é um país de dimensão continental, apresentando grandes diferenças entre suas regiões geográficas, havendo, mesmo dentro de uma mesma região, grandes discrepâncias sociais, econômicas, políticas, ambientais etc. Como vimos, o acesso às práticas de esporte e lazer é marcado por questões regionais, as quais também se fazem presentes no financiamento das políticas públicas esportivas e de lazer (Carneiro, 2021, p 6)

Como dito acima, as regiões brasileiras se distinguem, e isso se relaciona aos seus fatores econômicos e sociais. Essa perspectiva se compõe a partir do histórico brasileiro, em que a região sul e sudeste obteve destaque devido ao seu desenvolvimento na agricultura da época e posteriormente grandes avanços no seu processo de industrialização. Nesse sentido, temos uma repercussão no universo esportivo, no qual o surfe está inserido e desta maneira se mostra mais visível em lugares sulistas.

Outro fator marcante, são os incentivos proporcionados pelo turismo local, que acabam por impulsionar a cultura surfe, e somados com a dominância econômica dos

estados sulistas, levam cidades como Florianópolis a se destacarem. Muitos campeonatos nacionais, quanto internacionais desta modalidade acontecem lá.

A atividade turística detém uma parcela expressiva nos resultados econômicos do município, devido ao amplo número de elementos que formam o sistema turístico, dentre eles estão: bares e restaurantes, empresas de entretenimento, meios de hospedagens, comércio, locadoras de carros, agências e operadoras de viagens, entre outros. Alguns benefícios econômicos gerados pelo turismo podem ser relatados, principalmente em relação à arrecadação que surge com o efeito multiplicador da atividade. (Andrade, 2006)

De acordo com (Bodenmuller, 2025) também é valido citar os incentivos dados pela Prefeitura da cidade que fomentaram a atuação de microempreendedores individuais (MEI), e demais empresas que se proponham a fornecer aulas de surfe.

Santa Catarina apresenta condições naturais ideais para o surfe, ela apresenta uma combinação geográfica e oceânica excepcional que permite que ondas de diferentes direções e intensidades atinjam o litoral catarinense durante todo o ano, garantindo boas condições tanto para iniciantes quanto para surfistas experientes. (Bodenmuller, 2025)

No quadro citado, também podemos notar dois estudos localizados em cidades do nordeste, das quais se destaca o maranhão e Maceió. Entretanto, no quesito nordeste, infelizmente, a trajetória do surf se manifesta de maneira diferente à sulista. Justamente pelo direcionamento histórico político da região, que apesar de existir picos de surfe com um potencial de ondas marcantes não recebe apoio ou atenção ideal pelas políticas públicas.

O Maranhão possui aproximadamente 640 km de costa na sua porção setentrional, estendendo-se do Estuário do Gurupi até o Delta do Parnaíba (Rios, 2001). O litoral maranhense é caracterizado por apresentar várias feições geomorfológicas, cujos principais são: as reentrâncias, golfão, lençóis, ilhas, falésias, estuários, longas planícies costeiras e extensa plataforma continental (Palma, 1979).

Fazendo um recorte ao estado maranhense, ele possui forte influência na adesão de práticas náuticas em seu litoral, e quando o assunto é o surfe tem-se grande impacto em sua pratica, sobretudo em estágios de aprendizagens iniciais. Por outro lado, quando se observa pelo ângulo competitivo e se refere a uma técnica mais avançada do esporte, as praias dispostas no litoral ludovicense deixam muito a

desejar no quesito, tamanho, força e potência das ondas. Entretanto, apesar de São Luís variar muito em relação ao tamanho das ondas, o estado possui lugares com ondas grandes, como por exemplo a praia da travosa localizada nos lençóis maranhenses, além de outros lugares como Paulino Neves, que se investigados, possuem expectativas de boas ondas.

Quando pensamos em aulas de surfe, normalmente nos reporta a ideia de mar, já que é seu lugar de origem. E a ideia neste trabalho é destrinchar as possibilidades pedagógicas do surfe nas aulas de Educação Física, fato que nos leva a refletir sobre as reais condições de aulas de surf em uma escola.

Os relatos de experiência demonstraram que o ensino do surfe pode ser desenvolvido de forma contextualizada e adaptada às diferentes realidades escolares. De acordo com o que foi estudado, e o contexto geográfico das pesquisas analisadas, pode-se notar que a maior parte dos estudos foi desenvolvida em cidades litorâneas, especialmente em escolas públicas localizadas em Florianópolis, estas condições favoreceram a realização de vivências práticas em ambientes naturais, como praias. Para além delas, houve a utilização de piscinas como espaço para a aprendizagem dos conteúdos práticos em meios líquidos relacionados ao surfe.

Os estudos evidenciaram ampla diversidade de materiais empregados nas intervenções pedagógicas. Sobre os recursos pedagógicos utilizados nas aulas teóricas foram identificados vídeos, documentários, apresentações em slides, músicas, teatro com fantoches, quadros brancos, quebra-cabeças, jogos digitais, jogos de tabuleiro. Entre os materiais esportivos utilizados nas aulas práticas destacaram-se colchonetes, slackline, bola suíça, bosu, simuladores de surfe confeccionados pelos próprios professores, skates, pranchas de madeira, balanços em formato de prancha de surfe, cones e bambolês, giz e confecção de materiais com a contribuição dos alunos.

Quanto à modalidade de ensino, verificou-se predominância de propostas desenvolvidas presencialmente, utilizando diferentes espaços escolares. Apenas um dos estudos foi realizado integralmente de forma remota, que ocorreu no período da pandemia, por meio da plataforma *Google Meet*, que foi associado à disponibilização de materiais digitais para atividades assíncronas e encaminhamento de tarefas de casa para serem expostas durante as próximas aulas com câmeras abertas. Nessa proposta, as aulas se limitaram a propostas digitais como apresentações em slides, exibição de vídeos e debates. As vivências corporais se restringiram a cada aluno

participando em suas casas, com a devida orientação do professor e com o cuidado de que a câmera ficasse aberta e um pouco longe para que os movimentos fossem visualizados, além da construção de pranchas realizadas pelos estudantes em suas próprias residências.

Quanto à organização dos conteúdos, observou-se que a maioria das propostas estruturou as aulas de forma progressiva, iniciando com a contextualização histórica e conceitual da modalidade, seguida pelo desenvolvimento de habilidades motoras básicas, atividades de equilíbrio, aprendizagem dos movimentos fundamentais do surfe e, quando possível, realização de vivências em ambientes aquáticos. Em um dos estudos, a organização ocorreu a partir das dimensões conceitual, procedimental e atitudinal, promovendo uma abordagem integrada dos conhecimentos.

Os estudos contemplaram uma variedade de temas relacionados ao ensino do surfe na escola. Entre eles destacaram-se a história e a cultura do surfe, educação ambiental, descarte adequado de resíduos, reciclagem, segurança nas práticas aquáticas, salvamento, equipamentos utilizados na modalidade, inclusão de pessoas com deficiência, relações de gênero, fenômenos naturais relacionados às marés, ventos e ondulações, além da discussão sobre o surfe de asfalto. Também foram identificadas propostas interdisciplinares que relacionaram o conteúdo do surfe aos componentes curriculares de História, Matemática e Geografia, possibilitando uma abordagem contextualizada e ampliada da modalidade.

As pesquisas analisadas evidenciaram diversas possibilidades pedagógicas para o ensino do surfe na Educação Física escolar, demonstrando que sua abordagem não depende exclusivamente da prática no ambiente marinho.

A análise dos estudos evidenciou que o surfe apresenta contribuições que ultrapassam o desenvolvimento das habilidades técnicas da modalidade, constituindo-se como uma prática corporal capaz de promover a formação integral dos estudantes. As propostas pedagógicas analisadas demonstraram que o ensino do surfe favorece o desenvolvimento de aspectos motores, cognitivos, sociais, afetivos e ambientais, ampliando as possibilidades de atuação da Educação Física no contexto escolar.

No âmbito do desenvolvimento motor, observou-se que as atividades propostas priorizaram capacidades como equilíbrio, coordenação motora, propriocepção, orientação espacial e controle postural. A utilização de recursos como colchonetes, slackline, bosu, skate e simuladores de prancha permitiram que os

estudantes vivenciassem movimentos característicos da modalidade, contribuindo para o aperfeiçoamento das habilidades motoras de forma progressiva, mesmo em ambientes distantes do litoral.

Sob a perspectiva cognitiva, os estudos demonstraram que o surfe possibilita a construção de conhecimentos relacionados à história da modalidade, sua cultura, equipamentos, regras de segurança, fenômenos naturais, como marés, ventos e ondulações, além de aspectos ligados à preservação ambiental. Em algumas propostas, esses conteúdos foram trabalhados de maneira interdisciplinar, estabelecendo relações com componentes curriculares como História, Geografia e Matemática, favorecendo uma aprendizagem contextualizada e significativa.

As experiências também evidenciaram importantes contribuições para a formação social e atitudinal dos estudantes. Durante as atividades, foram estimulados valores como cooperação, respeito às diferenças, trabalho em equipe, responsabilidade, solidariedade e convivência. Além disso, discussões sobre inclusão, gênero e participação de pessoas com deficiência no surfe favoreceram reflexões sobre diversidade e respeito, contribuindo para a formação cidadã dos alunos.

Outro aspecto recorrente foi o fortalecimento da educação ambiental. Considerando a estreita relação entre o surfe e a natureza, os estudos abordaram temas como preservação dos ecossistemas costeiros, descarte adequado de resíduos, reciclagem e conservação dos ambientes aquáticos. Algumas propostas incorporaram atividades práticas relacionadas à coleta simbólica de lixo, construção de materiais reutilizáveis e debates sobre sustentabilidade, aproximando os estudantes das questões ambientais e incentivando atitudes de responsabilidade socioambiental.

Os resultados também demonstraram que o surfe amplia o repertório das práticas corporais vivenciadas pelos estudantes, possibilitando o acesso a um conteúdo ainda pouco explorado no ambiente escolar. A utilização de metodologias diversificadas, como jogos, circuitos motores, recursos audiovisuais, teatro, músicas, atividades lúdicas e tecnologias digitais, favoreceu o engajamento dos alunos, tornando as aulas mais dinâmicas e estimulando sua participação ativa no processo de aprendizagem.

Por fim, verificou-se que o ensino do surfe pode ser desenvolvido em diferentes contextos educacionais, independentemente da proximidade com o litoral, desde que sejam realizadas adaptações metodológicas e utilizadas estratégias

pedagógicas adequadas. Essa característica amplia as possibilidades de inserção da modalidade na Educação Física escolar, contribuindo para uma formação que integra conhecimentos, habilidades, valores e atitudes, em consonância com os princípios de uma educação voltada para o desenvolvimento integral dos estudantes.

Além dos artigos científicos analisados, foram identificados quatro Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs) que abordam o surfe como conteúdo da Educação Física Escolar. Embora se tratem de produções acadêmicas em nível de graduação, esses estudos contribuem para ampliar o conhecimento sobre a temática ao discutir aspectos relacionados à inserção do surfe no contexto escolar, às possibilidades pedagógicas da modalidade, à legislação educacional e à formação docente.

O trabalho "O Surfe como Tema da Educação Física Escolar em Escolas Públicas de Florianópolis", desenvolvido em Florianópolis, teve como propósito investigar a produção científica existente sobre o surfe, identificar os conhecimentos relacionados à modalidade presentes nas universidades públicas do município e mapear as escolas públicas que apresentavam condições para desenvolver aulas de surfe. A partir desse levantamento, o estudo elaborou propostas de conteúdos para serem desenvolvidos nas aulas de Educação Física, além de indicar instituições escolares que possuíam potencial para a implementação da modalidade, evidenciando a viabilidade do surfe como conteúdo curricular em escolas localizadas em regiões litorâneas.

Também realizado em Florianópolis, o trabalho "O Surfe na Educação Física Escolar: Relações entre a Legislação e a Prática Pedagógica" teve como objetivo analisar a presença do surfe nos documentos legais que orientam a Educação Física Escolar brasileira e relacionar essas diretrizes aos processos de ensino e aprendizagem da modalidade. Os resultados apontam que a abordagem do surfe pode ser fundamentada, principalmente, nas perspectivas crítico-superadora e crítico-emancipatória, compreendendo-o como um conteúdo capaz de promover reflexões sobre aspectos históricos, culturais, sociais e ambientais, para além do ensino das técnicas esportivas.

O estudo "Adaptação do Surfe na Escola", desenvolvido na cidade de Vitória, apresentou como objetivo adaptar o ensino do surfe ao contexto escolar, propondo estratégias pedagógicas que possibilitassem o desenvolvimento da modalidade mesmo em instituições sem acesso ao ambiente marinho. A pesquisa destacou que o surfe pode contribuir para o desenvolvimento das habilidades motoras dos estudantes,

bem como para a construção de valores sociais, culturais e educacionais, reforçando a possibilidade de sua inserção na Educação Física Escolar por meio de adaptações metodológicas e recursos alternativos.

Por sua vez, o trabalho "O Surfe como Prática Corporal nas Aulas de Educação Física Escolar" caracterizou-se como uma pesquisa qualitativa, de natureza exploratória e descritiva, cujo objetivo foi compreender a formação dos professores de Educação Física em relação às Práticas Corporais de Aventura, verificando se tiveram contato com esse conteúdo durante a graduação e se já o desenvolveram em suas práticas pedagógicas. Além disso, buscou identificar a percepção dos docentes acerca da possibilidade de inserção do surfe como conteúdo das Práticas Corporais de Aventura na escola. Os resultados evidenciaram a necessidade de ampliar a formação inicial e continuada dos professores sobre essa temática, tendo em vista que o conhecimento docente constitui um dos principais fatores para a implementação do surfe nas aulas de Educação Física.

De maneira geral, os trabalhos de conclusão analisados demonstram que o surfe vem sendo investigado sob diferentes perspectivas, contemplando aspectos relacionados à produção científica, à legislação educacional, às possibilidades de implementação da modalidade nas escolas, às adaptações metodológicas necessárias ao contexto escolar e à formação dos professores. Apesar da quantidade ainda limitada de pesquisas, esses estudos reforçam o potencial do surfe como conteúdo da Educação Física Escolar, evidenciando sua capacidade de ampliar o repertório das práticas corporais oferecidas aos estudantes e contribuir para uma formação que integra conhecimentos motores, culturais, sociais e ambientais.

8. CONCLUSÃO

Verificou-se que, embora a produção acadêmica sobre o tema ainda seja reduzida, os estudos existentes demonstram um crescente interesse pela modalidade como conteúdo pedagógico. As pesquisas evidenciam que o surfe tem sido desenvolvido por meio de propostas que ultrapassam a prática esportiva convencional, incorporando conteúdos históricos, culturais, ambientais e sociais, além de adaptações metodológicas que possibilitam sua implementação tanto em cidades litorâneas quanto em contextos distantes do mar. Observou-se, ainda, a presença de experiências desenvolvidas antes mesmo da inserção das Práticas Corporais de Aventura na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), evidenciando iniciativas pioneiras na inserção da modalidade no ambiente escolar.

Além disto, com a busca da categorização das possibilidades pedagógicas para o ensino do surfe nas aulas de Educação Física, constatou-se uma ampla diversidade de estratégias metodológicas. Os estudos analisados apresentaram propostas desenvolvidas em quadras esportivas, pátios, salas de vídeo, piscinas, praias e, inclusive, em ambientes virtuais de aprendizagem. Dentre os recursos utilizados destacaram-se uma ampla gama de possibilidades, das quais estimulam a criatividade dos estudantes e desafiam as propostas convencionais de ensino que constituem o modelo tradicional pedagógico, possibilidades essas que envolveram atividades interdisciplinares. Essas estratégias demonstram que o ensino do surfe não depende exclusivamente do ambiente aquático, podendo ser adaptado às diferentes realidades escolares sem comprometer os objetivos educacionais da modalidade.

Outro fator, foi a constituição em levantar as contribuições do surfe para a formação dos alunos no ambiente escolar, verificou-se que essa prática corporal favorece o desenvolvimento integral dos estudantes. Além de contribuir para o aprimoramento de capacidades motoras, como equilíbrio, coordenação motora, propriocepção e controle corporal, o surfe promove a construção de conhecimentos relacionados à cultura esportiva, aos fenômenos naturais e à educação ambiental. Da mesma forma, favorece o desenvolvimento de valores como cooperação, respeito, responsabilidade, autonomia, inclusão e consciência socioambiental, reforçando seu potencial formativo e educativo, fatores estes observados no estudos analisados.

Logo, a partir da produção científica especializada da área, foi possível compreender como essa prática corporal tem sido inserida no contexto escolar,

identificar as estratégias pedagógicas utilizadas para seu ensino e evidenciar suas contribuições para a formação integral dos estudantes.

Diante dos resultados encontrados, conclui-se que o surfe apresenta significativo potencial como conteúdo da Educação Física Escolar, constituindo-se em uma prática corporal capaz de ampliar o repertório cultural dos estudantes e diversificar os conteúdos desenvolvidos nas aulas. A literatura analisada evidencia que sua inserção pode ocorrer por meio de diferentes metodologias e recursos didáticos, possibilitando sua implementação mesmo em escolas localizadas fora do contexto litorâneo. Além disso, sua abordagem favorece o desenvolvimento integrado das dimensões conceituais, procedimentais e atitudinais, contribuindo para uma formação crítica, participativa e comprometida com questões sociais e ambientais.

Entretanto, a revisão também evidenciou que ainda existe um número limitado de produções científicas voltadas especificamente ao ensino do surfe na Educação Física Escolar, indicando a necessidade de ampliação das pesquisas sobre a temática. Novos estudos podem contribuir para o desenvolvimento de propostas metodológicas, avaliação de experiências pedagógicas em diferentes contextos escolares e fortalecimento da produção científica sobre as Práticas Corporais de Aventura no âmbito educacional.

Por fim, considera-se que o objetivo geral deste estudo foi alcançado, uma vez que a análise da produção científica permitiu compreender o surfe enquanto conteúdo de ensino da Educação Física Escolar, identificando suas formas de abordagem, suas possibilidades pedagógicas e suas contribuições para a formação dos estudantes. Dessa forma, espera-se que esta pesquisa contribua para ampliar as discussões acerca da inserção do surfe no contexto escolar e incentive professores e pesquisadores a explorarem novas possibilidades de ensino dessa prática corporal na Educação Física.

REFERÊNCIAS

ADELINO, Francisca Janete Silva. **As estratégias pedagógicas utilizadas no processo de ensino-aprendizagem:** concepções dos alunos de secretariado executivo da UFPB. **Revista de Gestão e Secretariado**, v. 3, n. 1, p. 05-29, 2012.

ALVES, Eduardo Ramos. **Atividades aquáticas na Educação Física Escolar:** conteúdo e noções básicas de segurança na perspectiva do aluno. 2023.

ARAÚJO, Larissa Mamede et al. **Relato de experiência:** a pedagogia do surf na educação básica. **Revista EDaPECI**, v. 18, n. 2, p. 158-163, 2018.

BASTOS, keila aparecida pereira; PEREIRA, kleiton carlos. **Surfe da prática corporal ao esporte.** Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Curso de Educação Física– Bacharelado. Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, 2017.

BETTI, Mauro; ZULIANI, Luiz Roberto. **Educação física escolar:** uma proposta de diretrizes pedagógicas. **Revista mackenzie de educação física e esporte**, v. 1, n. 1, 2002.

BORGES, Robson Machado. **Estudar com professores:** a formação continuada e o processo de mudança de concepção de ensino na educação física escolar. 2018.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, DF: Ministério da Educação, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 28 jul. 2026.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 28 jul. 2026.

BRASIL, Vinicius Zeilmann; RAMOS, Valmor; GODA, Ciro. **A produção científica sobre surf: uma análise a partir das publicações entre 2000-2011.** *Pensar a Prática*, v. 16, n. 3, 2013.

CAPINUSSÚ, José Maurício. **Atividade física na Idade Média: bravura e lealdade acima de tudo.** *Revista de Educação Física/Journal of Physical Education*, v. 74, n. 2, p. 45-48, 2005.

CAPRARO, André Mendes; SOUZA, Maria Thereza Oliveira. **Educação física, esportes e corpo: uma viagem pela história.** Editora Intersaberes, 2023.

CARLAN, Paulo; DÜRKES, Daniel Bardini. O Conteúdo “Atividades Aquáticas” na Educação Física escolar: limites e perspectivas. *Kinesis*, v. 36, n. 3, 2018.

CASTELLANI FILHO, Lino et al. **Metodologia do ensino de educação física.** Cortez editora, 2014.

CASTELLANI FILHO, Lino. **Educação Física no Brasil: a história que não se conta.** Papirus Editora, 1988.

COSTA, Mary Cidia Monteiro Sousa et al. PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA NO ENSINO TÉCNICO EM MEIO AMBIENTE: experiências do PIBID Educação Física UFMA. *Temas em Educação Física Escolar*, v. 7, p. 1-12, 2022.

CHAGAS, Luiz Gustavo et al. O surfe como tema da educação física escolar em escolas públicas de Florianópolis/SC. 2017.

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa.** Uberlândia, Brasil, 2011.

COSTA, Carlos Rerisson Rocha da. **O litoral do Maranhão, entre segredos e descobertas: a fronteira de expansão do turismo litorâneo na periferia do Brasil.** 2015. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

DAIUTO, Moacyr. **Basquetebol: metodologia do ensino**. 5. ed. rev., ampl. e melhorada. São Paulo: Brasipal, 1983.

DA SILVA, Antonio Jansen Fernandes; DOS SANTOS ARAUJO, Raffaele Andressa; MARTINS, Raphaell Moreira. **Conteúdos emergentes da educação física escolar: Do currículo prescrito à intervenção pedagógica**. Editora CRV, 2026.

DA SILVA, Luiz Alberto Ruiz; DOS SANTOS, Maria de Lourdes; DE MEDEIROS, Márcia Maria. **O corpo na Idade Média: alguns apontamentos**. **Revista NUPEM**, v. 9, n. 16, p. 105-115, 2017.

DE CARVALHO JUNIOR, Arlindo Fernando Paiva et al. Os conteúdos do currículo da educação física escolar. **Temas em Educação Física Escolar**, v. 4, n. 1, p. 2-23, 2019.

DE OLIVEIRA, Amauri Aparecido Bassoli. Metodologias emergentes no ensino da educação física. **Journal of Physical Education**, v. 8, n. 1, p. 21-27, 1997.

Diegues, A.(org). 2000 A imagem das águas, Hucitec/Nupaub, SP

DIEGUES, Antonio Carlos. Água e cultura nas populações tradicionais brasileiras. I Encontro Internacional: Governança da água. **São Paulo**, 2007.

DO COUTO GOMES, Leonardo et al. **Nas Ondas da Ciência: Perfil da Produção do Conhecimento Sobre o Surf em Periódicos Brasileiros**. **LICERE-Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v. 20, n. 4, p. 285-311, 2017.

DONATO, Caio Fernandes et al. **Revisão sistemática sobre a Educação Física escolar na BNCC: uma temática ainda em escassez**. **Cadernos do Aplicação**, v. 36, 2023.

FONSECA, Leonardo Sonda da. **De olho no Brazilian Storm: uma análise das transmissões de surfe do SporTV nos Jogos Olímpicos Paris 2024**. 2024.

FERREIRA DE OLIVEIRA, Maxwell. **Metodologia científica**: um manual para a realização de pesquisas em Administração. 2011.

FRACALANZA, Ana Paula. **Gestão das águas no Brasil**: rumo à governança da água? IN: RIBEIRO, Wagner Costa, Org. Governança da água no Brasil: uma visão interdisciplinar. São Paulo: Annablume; Fapesp; CNPq, 2009.

FURTADO, Renan Santos; BORGES, Carlos Nazareno Ferreira. **Educação física escolar**: conhecimento, natureza e especificidades. **Filosofia e Educação**, v. 15, p. e023009-e023009, 2023.

GLUSZCZUK, Rafaela et al. **O surfe na educação física escolar**: relações entre a legislação e a prática pedagógica. 2019.

INÁCIO, Humberto Luís de Deus et al. **Práticas corporais de aventura na escola**: possibilidades e desafios-reflexões para além da Base Nacional Comum Curricular. **Motrivivência (Florianópolis)**, p. 168-187, 2016.

JUNIOR, Edson Sucena. “**Transpassando**” os muros da escola para aulas de **Educação Física do Ensino Médio em uma cidade litorânea de Pernambuco**: Caminhos para transdisciplinaridade. **Revista Inclusiones**, v. 13, n. 2, p. e3869-e3869, 2026.

MATOS, Fernanda. Cultura, água e meio ambiente. **ENCONTRO NACIONAL SOBRE GESTÃO EMPRESARIAL E MEIO AMBIENTE**, 2011.

MONTEIRO, R.; FREIRE, M. C. **Florística das praias da Ilha de São Luís, Estado do Maranhão (Brasil)**: diversidade de espécies e suas ocorrências no litoral brasileiro. 1993.

MOREIRA, Aléxia Victoria Campos. **Atividades aquáticas na Educação Básica**: dificuldades de implementação e oportunidades pedagógicas. 2024.

MOREIRA, Wagner Wey (org.). *Surf: da ciência à prática.* (2009).

MARINHO, Alcyane; SCHWARTZ, Gisele Maria. Atividades de aventura como conteúdo da educação física: reflexões sobre seu valor educativo. **Lecturas: Educación Física y Deportes**, v. 10, n. 88, p. 1-8, 2005.

OLIVEIRA, Vitor Marinho de. O que é Educação Física. **São Paulo: Brasiliense**, v. 5, 1983.

PEREIRA, Alexandre Queiroz; DANTAS, Eustógio Wanderley Correia. Dos banhos de mar aos esportes nas zonas de praia e no mar. **Sociedade & Natureza**, v. 31, p. e46981, 2019.

PEREIRA, Camila Fernanda Pena et al. **O surf em tempos de aprendizagens remotas:** experiências do estágio curricular supervisionado em Educação Física. **Caderno de Educação Física e Esporte**, v. 21, n. 1, p. 34, 2023.

PEREIRA, Lucas Paschoal; SIQUEIRA, Murilo Araujo. **Adaptação do surfe na escola.** 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física) – Centro de Educação Física e Desportos, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2022.

PITHAN, Paulo Eduardo Lenz. **A educação no Renascimento.** Indaial: Centro Universitário Leonardo da Vinci (UNIASSELVI), 2008. Trabalho apresentado à disciplina História da Educação do curso de Letras/Licenciatura.

PORT, Vicente Piacentini; PRAZERES, Rafael Marques; PINTO, Fábio Machado. Lutas e surfe na educação física escolar. **Cadernos de Formação RBCE**, v. 4, n. 1, 2013.

PRODANOV, Cleber Cristiano; DE FREITAS, Ernani Cesar. **Metodologia do trabalho científico:** métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico-**2ª Edição.** Editora Feevale, 2013.

RAMOS, Valmor; DOS SANTOS GRAÇA, Amândio Braga; DO NASCIMENTO, Juarez Vieira. **O conhecimento pedagógico do conteúdo:** estrutura e implicações à formação em educação física. **Revista brasileira de educação física e esporte**, v. 22, n. 2, p. 161-171, 2008.

ROMIG, Igor Darlan Krause et al. Conteúdos de Educação Física escolar e a implantação da BNCC. **Motrivivência**, v. 34, n. 65, 2022.

ROSÁRIO, Luís Fernando Rocha; DARIDO, Suraya Cristina. **A sistematização dos conteúdos da educação física na escola:** a perspectiva dos professores experientes. **Motriz Revista de Educação Física**, p. 167-178, 2005.

RUBIO, Kátia. **Do olimpo ao pós-olimpismo:** elementos para uma reflexão sobre o esporte atual. **Revista Paulista de Educação Física**, v. 16, n. 2, p. 130-143, 2002.

SANTOS, C. DE S.; LIMA, E. DOS S. Análise sobre as influências da natação no desenvolvimento afetivo-social de alunos do 5º ano da escola CEJE no município de Boa Vista-RR. *Revista ENAF Science*, [S.L], v. 11, n. 1, p. 113-118, jun./2006.

SILVA, Eduardo Santana et al. **Nas ondas da cidade:** o ensino do surfe como prática corporal de aventura na escola. **Revista de Iniciação à Docência**, v. 11, n. 1, 2026.

Silva, G. 2000 **Tudo o que tem na terra tem no mar:** a classificação dos seres vivos entre os trabalhadores da pesca em Piratininga, RJ, in Diegues. A.(organizador):Imagem das Águas, Hucitec/Nupaub-USP,SP

SILVA, Jessyca Ferreira da; LIMA, Cristiane dos Santos. **Expansão urbana na zona costeira de São Luís-MA:** a gestão ambiental inserida no gerenciamento costeiro. In: **Anais do IV Congresso Brasileiro de Gestão Ambiental, Salvador-BA**. 2013.

SILVA, Ruana Vidda Sobral Cavalcante et al. O surfe como prática corporal nas aulas de educação física escolar. 2023.

SOARES, Carmen Lucía. **Educação Física escolar: conhecimento e especificidade. Revista Paulista de Educação Física**, p. 6-12, 1996.

SHULMAN, L.S. **Those who understands: knowledge growth in teaching.** Educational Researcher, Washington, v.15, n.2, p.4-14, 1986.

SILVA, Tiago Aquino da Costa e. Jogos e brincadeiras aquáticas. 1. ed. São Paulo: Kids Move Fitness Programs, 2015.

SOARES, Carmen Lúcia. **Educação Física: raízes europeias.** Autores Associados, 2017.

SOARES, Luciana Amorim et al. **Sustentabilidade da orla do município de são luís, estado do maranhão:** subsídios para o planejamento e gestão costeira. 2024.

SOUZA, Telma Angelica Ribeyre de; SILVA, Marcelo Silva da. **Atividades aquáticas diferenciadas nas aulas de Educação Física:** diversificando os conteúdos trabalhados na piscina. 2013. Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE) – Secretaria de Estado da Educação do Paraná.

TAHARA, Alexander Klein; DARIDO, Suraya Cristina. Práticas corporais de aventura em aulas de educação física na escola. **Conexões**, v. 14, n. 2, p. 113-136, 2016.